

# AS EDIÇÕES DE *ALMA INFANTIL* (1912; 2012): UM ESTUDO COMPARATIVO

## THE EDITIONS OF *ALMA INFANTIL* (1912;2012): A COMPARATIVE STUDY

Gabrielle Carla Mondego PACHECO Pinto\*  
<https://orcid.org/0000-0002-2615-2390>

**Resumo:** Este artigo pretende iluminar as escolhas e omissões em duas edições do livro *Alma Infantil* (1912; 2012), de Francisca Júlia da Silva (1871-1920) e Júlio Cesar da Silva (1874-1936), poetas de destaque no cenário literário do começo do século passado. O impresso em questão é eleito como fonte, especialmente, por conta de sua circulação em sala de aula das escolas paulistas da década de 1910 e, ainda, por apresentar diferenças no que tange à diagramação e ao conteúdo apresentado em ambas as edições. Tais diferenças se referem à utilização de ilustrações, à fonte utilizada e até mesmo à omissão de determinado conteúdo. Importa destacar que a primeira edição de *Alma Infantil*, dada sua localização histórico-cultural, apresentava-se intimamente ligada às noções de civilização e modernidade em voga naquele momento. Já a edição mais recente converge com a noção de ludicidade, ainda presente nos livros destinados ao público infantil. Nesta lógica, estabelece-se diálogo com os estudos de Lajolo e Zilberman (1988) Arroyo (2011), Pacheco (2015), ao passo que os preceitos de Chartier (2002), Ferreira (2015), Genette (2009) e Oliveira (2008) são eleitos como referenciais metodológicos. A investigação acerca das edições de *Alma Infantil* indica que as alterações feitas em forma e conteúdo correspondem às demandas de seu público-alvo e do mercado editorial infantil.

**Palavras-chave:** Alma Infantil; Francisca Júlia e Júlio César da Silva; Literatura para as crianças; ilustrações; mercado editorial infantil.

**Abstract:** This article aims to shed light on the choices and omissions in two editions of the book *Alma Infantil* (1912; 2012), by Francisca Júlia da Silva (1871-1920) and Júlio Cesar da Silva (1874-1936), prominent poets on the literary scene at the beginning of the last century. The newspaper in question was chosen as a source, especially because of its circulation in the classrooms of São Paulo schools in the 1910s, and because of the differences in the layout and content presented in both editions. These differences refer to the use of illustrations, the font used and even the omission of certain content. It is important to note that the first edition of *Alma Infantil*, given its historical and cultural location, was closely linked to the notions of civilization and modernity in vogue at the time. The most recent edition, on the other hand, converges with the notion of playfulness, which is still present in books aimed at children. In this logic, a dialog is established with the studies of Lajolo and Zilberman (1988), Arroyo (2011) and Author (2015), while the precepts of Chartier (2002), Ferreira (2015), Genette (2009) and Oliveira (2008) are chosen as methodological references. The research into the editions of *Alma Infantil* indicates that the changes made in form and content correspond to the demands of its target audience and of the children's publishing market.

**Keywords:** Alma Infantil; Francisca Júlia and Júlio César da Silva; Children literature; illustrations; children's publishing market.

---

\* Doutorado em Educação, UERJ, pacheco.gabrielle@uerj.br.

## Introdução

Empreender pesquisas que tomem a literatura pensada para crianças como objeto e fonte exige esforços contundentes do pesquisador, muito por conta da inserção ainda recente do gênero Literatura Infantil como campo de estudos, em lugar de um aspecto pormenorizado da Literatura. Em razão disso, a investigação acerca de volumes que antecedem a consolidação do gênero na academia se torna bastante desafiadora, como é o caso de *Alma Infantil*, em tela neste estudo.

Neste trabalho, examinam-se duas edições de *Alma Infantil*, de autoria dos poetas Francisca Júlia da Silva (1871-1920) e Júlio César da Silva (1874-1936). Inicialmente publicado para uso escolar, o livro adquiriu o caráter de “livro de leitura suplementar” (Pacheco, 2015), sendo utilizado em larga escala nas escolas paulistas da década de 1910. A segunda edição, publicada em seu centenário, sinaliza uma mudança não apenas em sua forma, mas em seu conteúdo.

Desde a consolidação da literatura infantil como um objeto de estudo e campo de interesse, sobretudo observado a partir do trabalho seminal de Leonardo Arroyo (1968)<sup>1</sup>, estudos vêm sendo desenvolvidos acerca do tema apresentando teorias que consideram diversos aspectos em referência, principalmente, às temáticas observadas em seus diferentes marcos temporais e à sua circulação.

Neste sentido, esta pesquisa evoca a reflexão acerca dos aspectos que compreendem não apenas o conteúdo proposto pelos autores de *Alma Infantil*, mas ainda aspectos de sua materialidade, que podem ser entendidos como estratégias editoriais, em especial por conta da temporalidade deste estudo.

Produto da parceria dos irmãos Francisca Júlia e Júlio Cesar da Silva, a primeira edição de *Alma Infantil* é publicada pela Livraria Magalhães, em 1912. Naquele momento, ambos os autores já gozavam de certo prestígio nas letras e na imprensa brasileiras. Já na edição mais recente, publicada pela editora B4 Editores, recebe destaque o trabalho de Vanessa Alexandre (1982-), autora e ilustradora de livros infantojuvenis.

Outrossim, pretender análises de livros exemplares de uma literatura infantil compreende também a sua própria gênese, uma vez que os caminhos que esta literatura para as crianças brasileiras percorreu importam, em particular, em uma abordagem histórica, como propõe este trabalho. Em diálogo com os estudos de Lajolo e Zilberman (1988) Arroyo (2011) e Pacheco (2015), busca-se investigar as fontes, com destaque para

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, operamos com a 3ª edição, publicada em 2011.

o lugar ocupado por *Alma Infantil* na historiografia do livro infantil, bem como seu conteúdo.

Assim, para tratar as fontes eleitas deste estudo, a História Cultural é acionada como aporte, entendendo que literatura pode ser compreendida como uma representação coletiva de seu tempo (Chartier, 2002; Ferreira, 2015). Da mesma forma, toma-se os estudos de Genette (2009) e Oliveira (2008) para se pensar os paratextos editoriais e as ilustrações, elementos que contribuem ativamente para o dimensionamento das edições em determinado espaço-tempo.

A partir das questões levantadas, propõe-se a organização deste artigo em 3 seções, sendo o objetivo da primeira delas abordar, de forma mais sintética, a gênese da literatura infantil no Brasil até os anos de 2010, quando a segunda edição foi publicada; em seguida, busca-se compreender o contexto de publicação da 1ª edição de *Alma Infantil*, seus autores e o aspecto educacional do qual a obra não se dissocia, e, por fim; os atributos que diferenciam as edições, os quais estabelecem este estudo comparativo.

### **Mudanças e permanências na literatura escrita para crianças**

Para se pensar a temporalidade de *Alma Infantil*, é necessário que se faça uma revisita à historiografia do livro infantil no Brasil, muito por conta de esta ser uma obra localizada em um período de grande efervescência político-pedagógica, no qual diversas mudanças no cenário nacional foram responsáveis por dar corpo a esta literatura para as crianças, partindo de um pressuposto de formação cidadã.

Ainda que na primeira metade do século XIX datem os primeiros ensaios de uma literatura destinada às crianças no Brasil, é a partir da década de 1890 que o termo ‘Literatura Infantil Brasileira’ se impõe. De acordo com Arroyo (2011, p. 31), “o século XIX foi, por excelência, o século da afirmação da Literatura Infantil”. Havia ali uma incompatibilidade da literatura traduzida europeia, comumente utilizada, com a modernização pela qual o país passava naquele momento, incluindo a abolição da escravidão e o advento da República. Modernização esta que tinha como lema “educar para civilizar”.

Por mais que a proposta fosse romper com o estrangeirismo, este período inaugural da Literatura Infantil Brasileira é caracterizado por um aspecto conservador, no que tange à sua estrutura, uma vez que as escolas parnasiana e simbolista eram as estéticas norteadoras nos escritos infantis, que, neste contexto, podiam ser identificados por poesias em sua maioria, como é o caso de *Alma Infantil*, em tela neste artigo.

De toda forma, pavimentou-se o terreno para o surgimento de uma literatura escolar, sobretudo aplicada na escola primária, com vistas à veiculação de valores morais e cívicos, além da valorização da terra, da língua e dos símbolos nacionais. Nessa lógica, diversos literatos aceitaram o “desafio” de escrever literatura para as crianças, atendendo às demandas de um mercado editorial que, naquele momento, já via o comércio de livros para crianças como lucrativo.

Tanto os prosadores, como Júlia Lopes de Almeida<sup>2</sup>, quanto os poetas, a exemplo de Francisca Júlia, dedicaram-se ao investimento. Outros, como Olavo Bilac, Coelho Neto e Manoel Bomfim, receberam o título de intelectuais do livro escolar<sup>3</sup>, por promoverem obras que evidenciavam o nacionalismo patriótico, especialmente na Primeira República. A este respeito, Oriá comenta que os livros infantis, com temáticas moral e histórica,

[v]ão se constituir numa modalidade de literatura escolar bastante utilizada pelo mercado editorial brasileiro, durante grande parte do período republicano (notadamente até os anos 1950), pois tinham público certo e garantido: alunos do ensino primário em fase de aprendizagem escolar da leitura e da escrita (Oriá, 2011, p. 43).

Com destaque, os professores Carlos Jansen<sup>4</sup> e Figueiredo Pimentel<sup>5</sup> são memorados por suas traduções adaptadas à linguagem brasileira, promovendo uma literatura mais acessível ao público infantil, que há tempos era apresentado às traduções do português europeu, já que muitas dessas obras eram trazidas de Portugal.

É apenas na década de 1920 que é possível identificar livros categorizados como Literatura Infantil. Monteiro Lobato, representado na historiografia como o proeminente precursor do gênero (Lajolo e Zilberman, 1988), inseriu mudanças nesta produção, promovendo a valorização do universo da criança. Para Lajolo e Ceccantini, é através desta linguagem, pensada para o leitor infantil, que “podemos nos familiarizar com alguns dos procedimentos que tornam sua linguagem fluente e coloquial e, nessa medida, marco

---

<sup>2</sup>A historiografia aponta 5 publicações da escritora como destinadas ao público infantil: *Contos Infantis* (1886), *Histórias da nossa terra* (1907), *A árvore* (1916), *Era uma vez* (1917) e *Jornadas no meu país* (1920).

<sup>3</sup> Tal título faz referência a presença do nacionalismo patriótico nas obras dos autores, que foram amplamente adotadas nas escolas como livros escolares.

<sup>4</sup> O professor Carlos Jansen adaptou a obra de Jonathan Swift, *As Viagens de Gulliver*, de Dafoe, *Robinson Crusóe*, além de ter obtido grande êxito com a adaptação para o clássico *Mil e uma noites* (Hallewell, 2012).

<sup>5</sup> O jornalista Figueiredo Pimentel é memorado pelas traduções de Perrault, Grimm e pela publicação de *Contos da Carochinha*, *Histórias da Avozinha* e *Historias da Baratinha*, todas datadas do fim do século XIX.

inaugural da moderna literatura infantil brasileira” (Lajolo; Ceccantini, 2008, p. 19). Ainda segundo Lajolo e Zilberman (1988), é a partir deste momento que se dá o marco inicial à etapa mais fértil da literatura infantil brasileira.

Desde então, e em particular após o sucesso de Tales de Andrade e Monteiro Lobato, as editoras passaram a prestigiar o gênero, motivando seu aumento vegetativo ao longo dos anos 20 e 30, bem como a adesão progressiva de alguns escritores da nova e atuante geração modernista (Lajolo; Zilberman, 1988, p. 61).

O trabalho de Costa (2018)<sup>6</sup>, que discorre sobre a ascensão da literatura infantil como disciplina no fim da década de 1930, dá-nos pistas acerca do que era esperado na constituição do livro infantil. Dentre os requisitos para a boa literatura infantil, os documentos levantados pela autora revelam a “adaptação aos interesses básicos das crianças”, as “qualidades artísticas”, além da preocupação com o formato, incluindo a “encadernação, o papel, a impressão e as gravuras” (Costa, 2018, p. 98)

Das educadoras que fizeram parte deste processo de implementação da Literatura Infantil como disciplina, recebe destaque Elvira Nizynska, que notabiliza o desenvolvimento cognitivo das crianças como um aspecto relevante na constituição do livro de literatura infantil. Nessa lógica, a educadora “reforça a necessidade de histórias que, embora tenham como finalidade maior o desenvolvimento de valores morais, estejam também em consonância com os gostos literários infantis” (Costa, 2018, p. 99).

Com efeito, o espaço rural tornou-se cenário para muitas das histórias contadas pela literatura infantil dentre os anos de 1920 e 1945, que, em sua maioria, tinham a aventura como o elemento fantasioso capaz de encantar os pequenos leitores. Para além de Monteiro Lobato e seu “sítio”, destacam-se no período as obras de Viriato Corrêa, Graciliano Ramos e Erico Verissimo.

Partindo do espaço urbano como cenário, Verissimo publica *As aventuras do avião vermelho* (1936), livro destinado “às crianças pequenas no início do processo de alfabetização”, conforme salienta Carvalho (2021, p. 190). A autora comenta ainda que o livro consta nas indicações da premiação da CNLI, apesar de não ter recebido o título, “talvez por apresentar um personagem com comportamento considerado inadequado para

---

<sup>6</sup> Nesta pesquisa, evidencia-se o surgimento da disciplina Literatura Infantil no Instituto de Educação, escola de formação de professores, bem como a idealização e as características da Comissão Nacional de Literatura Infantil (CNLI), na década de 1930.

uma criança, dado que respondia aos adultos, metia-se em brigas, xingava, entre outras coisas reprováveis à época” (Carvalho, 2021, p. 118)

Já na década de 1950 observa-se uma mudança neste cenário: se antes a literatura infantil cumpria com a função de nacionalizar e valorar os elementos pátrios, em seus diversos contextos, naquele momento a popularização da cultura norte-americana, sobretudo a partir do fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), teria forte influência na nossa própria cultura. Ademais, desenhava-se um novo cenário midiático com o surgimento da TV e a crescente popularização dos filmes de Hollywood<sup>7</sup>, além da modernização da imprensa, que adotou outros recursos de diagramação, na tentativa de enquadrar-se nas novas representações culturais brasileiras.

No que tange aos aspectos observados na imprensa destinada ao público infantojuvenil<sup>8</sup>, Souza e Rosa apontam para uma diminuição do número de páginas dos periódicos, muito por conta de uma “alteração do próprio perfil do jovem público leitor, que passa a preferir obras menores de leitura mais rápida” (Souza e Rosa, 2024, p. 311). Neste sentido, recebem destaque as histórias em quadrinhos, narrativas gráficas que

[s]ão concebidas a partir de um tipo de produção que pode apresentar conteúdos diversos aos seus consumidores, a depender do tipo de conteúdo veiculado e dos objetivos propostos. De maneira geral, as HQs podem ser definidas como um tipo de linguagem (e não de literatura) que combina textos e imagens para contar uma história (Souza, 2019, p. 56).

Os usos das HQs, ao longo da década de 1950, que “apresentavam ao público brasileiro diversas histórias em quadrinhos internacionais, principalmente as estadunidenses” (Souza; Rosa, 2024, p. 314), foram paulatinamente deixadas de lado, uma vez que “a escola e os educadores começavam a combater [...] a tão propalada nefasta influência das histórias em quadrinhos na suposição de que elas prejudicavam a formação do jovem” (Lajolo; Zilberman, 1988, p. 132).

Nas décadas subsequentes até os anos de 1980, a literatura infantil produzida no Brasil esteve sob influência política, considerando a instauração do regime ditatorial (1964-1985). Um outro aspecto relevante do período é a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), promulgada em 1961, que, grosso modo, descentraliza e

---

<sup>7</sup> A localização é definida como o prestigiado espaço da indústria cinematográfica norte-americana.

<sup>8</sup> Indica-se a utilização do termo infantojuvenil de acordo com o exposto em Coelho (2000), isto é, literatura infantil refere-se aos livros destinados aos leitores iniciantes, ao passo que a infantojuvenil compreende os leitores fluentes. Ademais, o termo literatura juvenil faz referência aos leitores críticos.

discorre sobre o sistema de ensino, incluindo o superior. No que cerne ao ensino primário, foco principal desta investigação, dispõe que “tem por fim o desenvolvimento do raciocínio e das atividades de expressão da criança, e a sua integração no meio físico e social” (Brasil, 1961).

Assim, a concepção de infância naquele momento estreitava laços com os aspectos psicológicos e sociais, e a literatura infantil circulante estava especialmente condensada sob forma de poesia. Conforme sinaliza Coelho:

As primeiras vozes que, nos anos 60, prepararam caminho para o chamado boom da literatura infantil nos anos 70, se fizeram ouvir na área da poesia. A nova poesia infantil descobre a palavra como um jogo, uma brincadeira com a fala, com a pura sonoridade (ritmo, cadência, onomatopeias, aliterações, refrões, paralelismos, trava-línguas, etc.). Numa linha de criação que resgata o encantatório das antigas cantigas de ninar, cantigas de roda, parlendas, lengalengas...presentes no folclore do mundo todo (Coelho, 2000, p. 243).

Tal tendência apoia-se, novamente, na relação entre a literatura infantil e a escola. Neste momento, o cenário urbano se reapresenta como temática, linguagem e reflexão. Era a representação de um Brasil moderno, em consonância com o desenvolvimento econômico e cultural encerrados pela década de 1970. A criação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, no fim da década de 1960, é outro ponto que evidencia o *boom*<sup>9</sup> da literatura infantojuvenil, tendo sido o primeiro “Prêmio FNLIJ- O Melhor Para Criança”, concedido em 1975.

Na esteira das mudanças significativas à literatura produzida ao longo das três décadas (1960/70/80), merecem destaque a presença de oralidade e o uso de coloquialismos, a narração em primeira pessoa e ainda uma nova representação da criança – “sofrida, inquieta, crítica, participante” (Lajolo; Zilberman, 1988, p.178). Neste sentido, autores como Rachel de Queiroz, Ana Maria Machado, Angela Lago, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Ruth Rocha, Fernanda Lopes de Almeida e Lygia Bojunga são representantes desta fase da literatura infantil, que se ocupava com o social e o individual.

Nos anos de 1990, houve um aumento expressivo no número de editoras que publicavam os livros infantis. A defesa da Organização das Nações Unidas (ONU) como sendo 1990 o ano da Alfabetização impulsionou não apenas as políticas públicas educacionais, mas também o mercado editorial. Não custa lembrar que a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em 1996, viabilizou este aumento

---

<sup>9</sup> Termo alcunhado com esta finalidade em Coelho (2000).

significativo, já que grande parte da produção literária destinada às crianças era senão usada nas escolas, seja fragmentada em livros didáticos, ou mesmo como livros indicados para leitura das crianças.

De acordo com o documento, a prática de leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes, que eventualmente se tornarão escritores. E esta formação inicia ainda na primeira infância, quando são apresentadas obras que tem na poesia e no imagético seu argumento forte. Neste momento, coloca-se em xeque não apenas a produção da literatura destinada ao público infantil e infantojuvenil, mas também seu uso adequado:

A visão do que seja um texto adequado ao leitor iniciante transbordou os limites da escola e influiu até na produção editorial. A possibilidade de se divertir com alguns dos textos da chamada literatura infantil ou infanto-juvenil, de se comover com eles, de fruí-los esteticamente é limitada. Por trás da boa intenção de promover a aproximação entre alunos e textos, há um equívoco de origem: tenta-se aproximar os textos simplificando-os aos alunos, no lugar de aproximar os alunos a textos de qualidade. (...) a seleção de textos deve privilegiar textos de gêneros que aparecem com maior frequência na realidade social e no universo escolar. (...) A diversidade não deve contemplar apenas a seleção dos textos; deve contemplar, também, a diversidade que acompanha a recepção a que os diversos textos são submetidos nas práticas sociais de leitura. (Brasil, 1998, p. 24-25).

Há, desta forma, uma preocupação com “os entrelaçamentos do texto com o leitor” (Lajolo; Zilberman, 1988, p.257), uma vez que a escola é, para muitos, a única via de contato com a literatura. Outrossim, a ampliação e aprimoramento do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que, a partir do fim da década de 1990, conta com a participação ativa dos professores na escolha dos livros, e passa a atender todos os níveis de ensino nos anos 2000, é outro fator determinante para o alargamento do mercado editorial do livro infantil e o surgimento de novos autores.

Luft, em seu trabalho acerca da literatura infantojuvenil produzida no começo deste século, sugere que as produções estavam ligadas a “temáticas acerca do amadurecimento e da aprendizagem humana de jovens protagonistas que buscam o conhecimento de si mesmos e dos outros” (Luft, 2010, p. 124). As emoções, as questões comportamentais e as relações familiares eram [e ainda são] frequentemente abordadas por meio de enredos que podem utilizar o aspecto fantasioso e místico para abordar assuntos considerados polêmicos como o preconceito, a adoção ou a morte.

No rol dos assuntos frequentemente anunciados na literatura infantojuvenil contemporânea, recebe destaque as denúncias e críticas sociais, que podem ou não

desenvolver narrativas que evidenciam a superação ou a manutenção de um sistema opressor.

Tem-se, assim, uma tendência realista, que apresenta um sentido político e ideológico, na medida em que denuncia as questões mais prementes de uma sociedade cada vez mais urbanizada e com grandes desigualdades econômicas e sociais. O adolescente, enquanto leitor, é chamado a vivenciar problemas que, abordados pela literatura, possibilitam, muitas vezes, a construção de respostas pessoais para os conflitos vividos (Luft, 2010, p. 125).

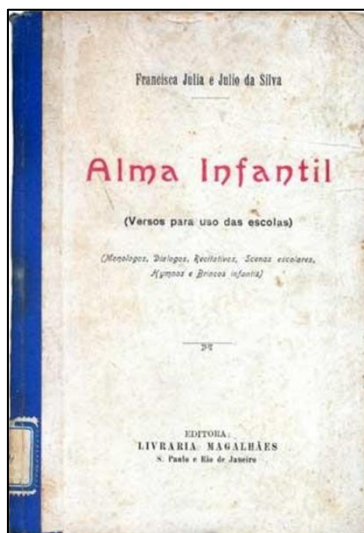
De forma mais sintética, a autora define como linhas principais de atuação da literatura infantojuvenil a introspecção psicológica, a denúncia social, a fantasia, as relações amorosas, as narrativas investigativas, o suspense, a revalorização da cultura popular, o romance histórico e a intertextualidade.

No ano em que foi publicada a 2ª edição de *Alma Infantil*, 2012, a FNLIJ concedeu o Prêmio Odylo Costa Filho, de melhor livro de poesia, ao volume *O lenhador* (2011), de Catullo da Paixão Cearense, uma obra organizada por Francisco Marques; em 2013, *Diário da Montanha* (2012), de Roseana Murray, recebeu a mesma titulação. Ambos os livros em nada se assemelham à obra de Francisca Júlia e Júlio César, a não ser o contorno poético e a presença de ilustrações, tão caras à literatura infantil das últimas 4 décadas.

Contudo, importa localizar a edição mais recente de *Alma Infantil* ao lado de tais obras, entendendo que é possível tomar a literatura como uma das representações de seu tempo-espaço (Ferreira, 2015). Embora boa parte de seu conteúdo não tenha sofrido alterações se comparada à 1ª edição, as intencionalidades eram outras, como veremos a seguir.

### **Alma Infantil: versos para uso nas escolas (1912)**

Figura 1 – Capa de *Alma Infantil* (1912)



Fonte: Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos (SP)

Classificado como livro escolar de leitura suplementar (Pacheco,2015), *Alma Infantil* foi publicado pela primeira vez em 1912, pela Editora Livraria Magalhães, que, como evidencia a capa do volume, funcionou em dois endereços, um em São Paulo, local de sua fundação, e outro no Rio de Janeiro.

O subtítulo da obra “versos para uso nas escolas” já indica os propósitos da publicação; ademais, a inscrição “Recitativos, monólogos, diálogos, comédias escolares, brincos infantis, hinos” corroborava com as intencionalidades da obra: a circulação nas escolas. O mesmo observa-se no prefácio, escrito pelo editor<sup>10</sup>, que evidencia o caráter didático do livro:

Dou-me por feliz em poder oferecer agora as escolas do Estado este livro de versos dos poetas irmãos d. Francisca Julia e dr. Julio Cesar da Silva. (...) Verdade é que poucos dos nossos escriptores didacticos, pouquissimos mesmo, tem, fora dessa especialidade, uma solida reputação nas letras. Quasi todos são mais ou menos amadores. Entre estes há os que tem talento, sem duvida, mas a quem faltam qualidades que só têm os artistas. O presente volume, porém, satisfaz a todas as exigencias. E' rigorosamente didactico, falando de perto á alma da infância e é, ao mesmo tempo, uma obra d'arte (Silva; Silva, 1912, p.8-9)<sup>11</sup>

De acordo com o Centro de Referência em Educação (CRE) Mario Covas, *Alma Infantil* insere-se na categoria “livros escolares”, na qual figuram ainda *Contos Infantis* (Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida, 1927), *Poesias Infantis* (Olavo Bilac,

<sup>10</sup> Não há indicativos a respeito da autoria do prefácio. Contudo, considera-se o próprio Pedro Magalhães como o possível autor do texto.

<sup>11</sup> Optou-se pela transcrição dos trechos de obras e/ou periódicos da época como no original, isto é, sem aplicar alterações de acordo com a ortografia vigente.

1927) e *Através do Brasil* (Olavo Bilac e Manoel Bonfim, 1910). Tal fato muito nos diz sobre quem eram os autores que assinavam a literatura produzida para crianças: escritores de certo prestígio e popularidade na imprensa, especialmente a carioca e a paulista.

A poetisa paulista Francisca Júlia da Silva (1871-1920) foi escritora, professora e ensaísta. Publicou 4 volumes: *Mármore* (1895), *Esphinges*, (1903), *Livro da Infância* (1899) *Alma Infantil* (1912), além de ter colaborado com diversos periódicos. Neste rol destaca-se sua colaboração com as revistas femininas e sua participação como possível fundadora da *Revista Educação* (1902)<sup>12</sup>. No âmbito da *Revista Feminina*<sup>13</sup>, por exemplo, publicou seus poemas, dedicou seu tempo às causas do feminismo possível à época, que, aos poucos, iria tomando forma no cenário brasileiro.

Seu talento na poesia não passou despercebido pelos seus pares. Em artigo assinado por Monteiro Lobato no *Correio da Manhã* em 1920, seu nome aparece como legítima poeta brasileira e Lobato considera sua obra um primor, já que “quem le uma Francisca Julia tem a impressão duma eleita da linha, no caracter e na mentalidade” (Edição 07814, p.2). A admiração pela escritora possibilitou, inclusive, a publicação da 2ª edição de *Esphinges*, em 1920, um de seus livros de poesia.

A particularidade da poetisa consistia no fato de Francisca Júlia seguir carreira junto ao Parnasianismo, escola literária do fim do século XIX, que tinha Alberto de Oliveira, Olavo Bilac e Raimundo Correia como ilustres representantes.

No universo essencialmente masculino da *Belle Epoque*, a poetisa angariou admiradores entusiasmados e reconhecimento literário, chegando a ser incluída entre os mestres da tríade formada por Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac (Camargos, 2017, p. 17).

Júlio César da Silva compartilhou certo prestígio com a irmã no início do século XX. Servidor municipal da cidade de São Paulo, foi poeta simbolista e teve extensa atividade nos periódicos da época, colaborando com *A Cigarra* e *Ilustração Brasileira* (1905), além de ter sido proprietário da revista *Sul Americana* (1905).

Teve seu primeiro livro publicado em 1892, *Stalactites*, obra de poesia parnasiana. Dentre as suas seis obras, *Arte de Amar* (1921), talvez tenha sido a mais famosa e mais

---

<sup>12</sup> De acordo com Arroyo (2011), trata-se de uma revista mensal publicada a partir das indicações da Associação Beneficente de Educação.

<sup>13</sup> Fundada por Virgínia de Souza Salles em 1914, circulou por mais de 2 décadas, com distribuição a nível nacional. De acordo com o estudo de Buitoni (2009), a revista “defendia os direitos da mulher, por exemplo o voto feminino (...) Não era, portanto, um veículo meramente comercial (...) havia um ideário a defender. (p.56)

respeitada de suas escritas poéticas, somando 4 edições, sendo a última feita pela Companhia Editora Nacional em 1961. As demais obras de Júlio César incluem mais um livro de poesias intitulado *Sarcasmos* (1895), uma comédia em verso e escrita, *A Morte de Pierrot* (1915), o prefácio de *Livro da Infância* (1899), e *Alma Infantil*. São dez publicações assinadas por Júlio César, incluindo reedições e material no seu pós-mortis, sendo a primeira em 1892 e a última em 1961.

A respeito de *Livro da Infância* (1899), convém destacar algumas características. Publicado pela Tipografia Oficial do Estado de São Paulo, foi escrito em prosa e poesia. No prefácio, assinado por Júlio César da Silva, já se evidenciava a noção de uma linguagem apropriada e da estética como aspectos fundamentais para a boa educação das crianças, argumento que também será defendido em *Alma Infantil*:

O presento livro é destinado ás creanças que já tenham feito seu curso elementar de leitura e se achem habilitadas a iniciar estudos menos faceis. (...) ao mesmo tempo que lhes ensina vocabulos sonoros e do aso menos vulgar, lhes desperta o gosto para leituras mais litterarias, para delicadezas de concepção ou subtilezas de estylo. Em geral, as obras deste genero, destinadas a educação da infancia, que correm mundo adoptadas em diversas escholas, são, com rarissimas excepções, incorrectas na fôrma e na linguagem, e nas quaes, ao lado da frieza da narracão, da infantilidade dos assumptos, da imperfeição dos versos e molleza na factura dos periodos, se encontram vicios, solecismos e defeitos de toda a especie. (...) Os contos e versos do que se compoe o LIVRO DA INFANCIA são simples na forma, fluentes na narracão e escriptos no melhor vernaculo. Em baixo de cada pagina vem a explicacão dos vocabulos menos conhecidos; nesse pequeno dictionario, que acompanha cada conto ou poesia, a auctora não da as palavras todas as intelligencias lexicaes, mas so aquellas em que são vulgarmente conhecidas.(Silva, 1899, p.5)

O contexto de publicação de *Alma Infantil* – a Primeira República (1899-1930) - representa o tempo do entusiasmo pela educação, quando a bandeira da desanalfabetização integrava o programa de quase todos os grupos políticos ou ideologicamente ativos (Lajolo, 1982, p. 33). Nesse ideal, a escola tornou-se um dos maiores símbolos republicanos de civilidade, adquirindo posição de destaque no novo regime como o espaço legítimo de formação do cidadão brasileiro.

Assim, era preciso uma escrita que desse conta de civilizar as crianças, o futuro de uma nação que estava se recriando aos moldes republicanos. Nessa perspectiva, a produção editorial desenvolveu-se assumindo proporções compatíveis com a demanda da família nuclear burguesa, e principalmente, da escola. O livro infantil transformou-se em instrumento chave para veicular valores morais, formas úteis e conteúdos edificantes (Silva, 2010, p. 37).

Em 1917, no relatório da secretaria do interior do Estado de São Paulo<sup>14</sup> - órgão responsável pelo ensino até os anos de 1930 -, constam listagens de livros recomendados pela comissão para livros escolares, a exemplo da seção “leituras suplementares e auxiliares”. Dos 29 livros aprovados nesta listagem, há dois de Olavo Bilac (*Poesias Infantis* e *Contos Pátrios*), dois de Júlia Lopes de Almeida (*Contos Infantis*, *Histórias de Nossa Terra*) e *Alma Infantil*.

Ademais, há recomendações acerca dos livros considerados ‘bons’ compiladas no texto “Um padrão de livro didático”, assinada pela comissão representada por Plínio Barreto, Sampaio Dória e Américo de Moura. Ressalta-se no texto que o livro, para ser aprovado, deveria ser aqui produzido, contar com a boa linguagem, ter propriedade no assunto a que se propõe a tratar e ser didático. Acima de tudo, um bom livro didático, era o que representava, em sua essência, o projeto de pátria.

Na seção “Registro litterario”, da edição de 2 de dezembro de 1912, do *Correio da manhã*, Osório Duque-Estrada menciona *Alma Infantil* como “mais um admirável trabalho da aplaudida poetisa Francisca Júlia”, e indica que o volume deve ser adotado em “todas as escolas primárias”, afirmando

[q]ue o livro em questão é um dos mais uteis a nossa literatura didactica, invadida desde muito, e falsificada pela incompetencia e a paspalhice de uns tantos exploradores inconscientes. A *Alma Infantil* reune, com effeito, as principaes qualidades de uma verdadeira obra desse genero: linguagem facil e corrente, elegancia e correcção de fórma, interesse moral nos assumptos, dosagem proporcional ás intelligencias infantis, complexidade crescente e graduada nas fórmas de composição (Duque-Estrada, 1912, p. 1).

Tal indicação é endossada também pelo Prefácio da obra, no qual se observa:

O presente volume, *Alma Infantil*, apesar de pequeno, mas utilissimo e substancioso, vem preencher uma grande lacuna. Nenhum dos trabalhos de que se compoe e superfluo. E todos conteem, alem de um flagrante interesse anecdotico, uma edificante licção de moral. E' uma collecção de monologos, dialogos, recitativos, comedias escolares, hymnos e brincos infantis, e todas essas composições são feitas de modo a prender não so, pelo macimo cuidado da forma do verso e pela elegancia da factura, o interesse dos cultivadores das letras, como, pela linguagem facil e correntia, a curiosidade das creanças. E essa allianca e que torna esta obrasinha superiormente interessante (Autor desconhecido, 1912, p.8)

Publicado em formato *in folio*, *Alma Infantil* é composto por 48 poemas e 4 hinos, apresentados de forma sequencial nos quadros 1 e 2 a seguir:

---

<sup>14</sup> Os documentos encontram-se disponíveis no Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Quadro 1 – Poemas em *Alma Infantil* (1912)

Poemas em <i>Alma Infantil</i>	
1- O ninho do beija-flor	26 – Ociosidade
2- A aranha e a mosca	27 – Irmã Cecília
3- O garoto e o mestre-escola	28 – Aspirações
4- Crueldade de Joaosinho	29 – O ébrio
5- O relógio	30 – Joaosinho medroso
6- Professora e Discípulo	31 – Visita massadora
7- Voz dos animais	32 – Cinco anos
8- O meu retrato	33 – Deus
9 – Horas melhores	34 – No circo dos cavalinhos
10- A bella Corina	35 – O relógio da torre
11- A menina feia	36 – Manha de inverno
12- Caridade	37 – Paula
13- O patinho	38 – Primavera
14 – A boneca da Paulinha	39 – As duas sábias
15 – O pão	40 – Passarinho imprudente
16 – Infância e Velhice	41 – A boneca sensata
17 – Exame escolar	42 – Rosinha e o mendigo
18 – A filha do carpinteiro	43 – Utilidade da chuva
19 – Berceuse da boneca	44 – Dia de chuva
20 – O presente do Mario	45 – O tambor e a campainha
21 – O guloso	46 – Visita de cerimônia
22 – O dedinho de mamãe	47 – Na ausência da professora
23 – Mimi	48 – As duas bonecas
24 – Bichano	
25 – O gallo	

Fonte: Pacheco, 2015, p.98.

Quadro 2 – Hinos em *Alma Infantil* (1912)

Hinos
1- Hymno ao Estudo
2- Hymno à Escola
3- Hymno ao Trabalho
4- Hymno à Pátria

Fonte: Elaborado pelo autora.

Nos 48 poemas, os assuntos mais frequentes são os animais, a escola, a natureza, os vícios, as virtudes, a religião e os objetos, em especial os brinquedos. O brinquedo, enquanto manifestação do acervo cultural da criança, apresenta-se como uma tentativa de aproximação com o pequeno leitor, que poderia, através das lições oferecidas pelo artefato, observar as diferenças entre o certo e o errado, o bom e o ruim, o feio e o bonito, o rico e o pobre, entre tantas outras dicotomias apresentadas nos poemas de *Alma Infantil*.

Os hinos, por sua vez, parecem representar mais diretamente as finalidades da educação dos primeiros anos do século passado: a formação do cidadão republicano. Por definição, os hinos refletem a exaltação a uma nação, à um partido, à uma instituição pública ou instituto particular, à agremiação, entre outros. Nesse sentido, o hino, como canto de exaltação à nação, é traço marcante do projeto republicano, que se esforçava a inculcar suas proposições.

Integrando a lista de símbolos nacionais ao lado da bandeira, da língua e do selo nacionais, os hinos destacam elementos que caracterizam a nação de forma heroica, simbólica e patriótica. Tais elementos serviram de base para a criação de uma identidade coletiva<sup>15</sup>, notadamente em prol da conformação de um projeto identitário em âmbito nacional.

Os hinos, neste contexto, funcionavam como cartilhas do saber cívico e moral que a república exigia, tratando de temas como a escola, o estudo, a bandeira nacional, a pátria, entre outros. Para os republicanos, o hino era importante instrumento na difusão e inculcação de suas ideias civilizatórias, tendo em vista que o hino, como poema cancionado, tem a música como base de sua composição e esta é um gênero textual que se caracteriza pela repetição, pela presença de um refrão, o que facilita o processo de memorização do texto. (Pacheco, 2015, p. 123)

Em *Alma Infantil*, os hinos apresentam valores essenciais exigidos ao bom aluno: o trabalho, a escola, o estudo e a pátria, que não por acaso dão título aos textos. Se, por um lado, o estudo é evidenciado como única via de sucesso do cidadão, a escola é espaço ideal para este processo. Já o conceito de trabalho é empregado como a dignidade primeira do homem, de sua honestidade, dada a importância do trabalho árduo, evidenciado não apenas em “Hino ao Trabalho”, mas ainda no poema “O pão”.

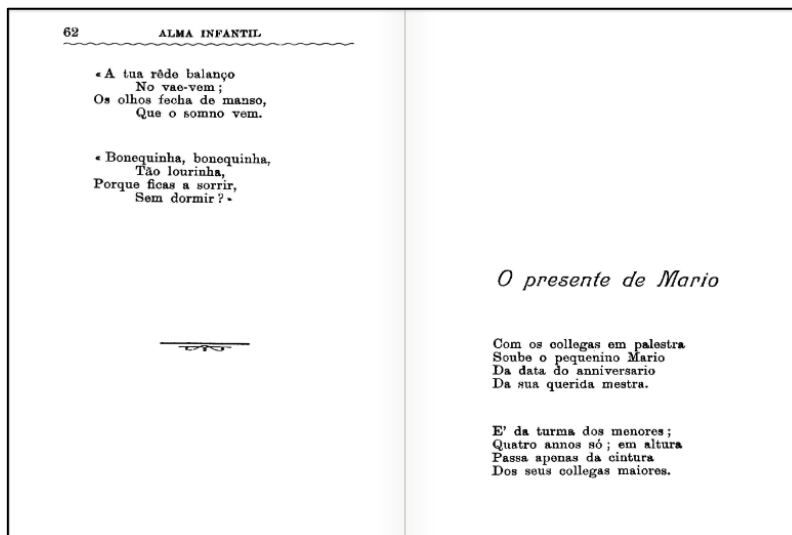
De acordo com as informações contidas na Biblioteca Digital (BBM Digital), da Biblioteca Brasileira Guita, e José Mindlin (BBM), da Universidade de São Paulo, *Alma Infantil* possui 174 páginas no total, das quais 154 contêm texto. Tanto os poemas quanto os hinos estão inscritos nas páginas a partir de sua metade, ocupando posição esquerda, com margem larga. No que se refere ao projeto gráfico, sublinha-se a ausência de ilustrações; há apenas recursos editoriais ornamentais, a exemplo dos arabescos. Se o

---

<sup>15</sup>Apesar de ser chamada de coletiva, não fora, contudo, construída de forma coletiva, integrando as diversas camadas da sociedade brasileira na Primeira República. De outra maneira, referia-se a uma parcela branca e elitista da sociedade.

texto ocupa mais de uma página, a subsequente apresenta a inscrição “ALMA INFANTIL”, como exposto na figura 2:

Figura 2 - Páginas 62 e 63 de *Alma Infantil* (1912)

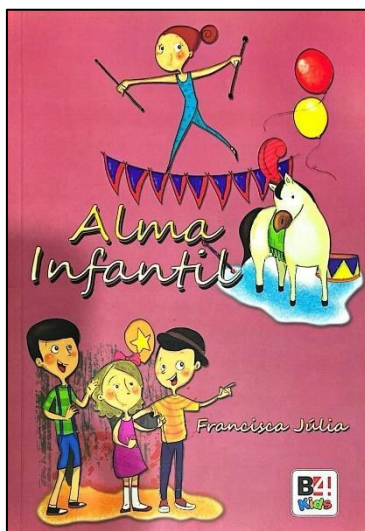


Fonte: Biblioteca Digital (BBM Digital) da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM)

Apesar de se tratar de um livro produzido para uso de crianças em idade escolar, especialmente aquelas no ensino primário, a 1ª edição de *Alma Infantil* não incluiu ilustrações, hoje entendidas como elementos essenciais na produção de literatura para o público infantil. Neste sentido, entende-se o projeto gráfico da 2ª edição como uma adequação da obra de Francisca Júlia e Júlio César aos aspectos esperados em um livro infantil da época, como exposto na próxima seção.

### A 2ª edição de *Alma Infantil*: escolhas e omissões

Figura 3 – Capa de *Alma Infantil* (2012)



Fonte: Acervo do autor.

Publicada em 2012 pela editora B4 Kids, selo infantil da B4 editores<sup>16</sup>, a obra é ainda comercializada nos dias de hoje. De imediato, ao comparar ambas as capas das edições, é possível perceber a preocupação em atrair o público infantil da edição mais recente, ao utilizar-se de ilustrações e cores vibrantes. Outro aspecto que merece destaque é a presença apenas do nome da poetisa Francisca Júlia, muito embora na primeira olheira do livro seja possível ler “Junto com seu irmão, Júlio da Silva, escreve esse livro que se tornou muito conhecido na época, chegando a ser distribuído nas escolas.”

Tal omissão pode ser justificada pela crescente no volume de pesquisas acerca de mulheres e suas produções nas últimas décadas. Antes invisibilizadas, como é o caso de Francisca Júlia, essas mulheres tiveram suas obras e trajetórias intelectuais silenciadas ou até mesmo excluídas por um cânone literário de cunho patriarcal. Outra possibilidade reside no fato de ter sido Francisca Júlia uma poetisa de maior proeminência se comparada ao irmão.

Em um movimento recente de resgate da literatura de autoria feminina, o Senado Federal publicou a coleção “Escritoras do Brasil”, que conta com 10 volumes assinados por escritoras brasileiras dos séculos XIX e XX, dentre as quais encontra-se Francisca Júlia e sua obra *Mármore*, originalmente publicada em 1895 e reeditada pelo Senado federal em 2020. Dentre os objetivos da coleção, divulgados na página da *web* da Biblioteca do Senado, estão incluídos:

---

<sup>16</sup> Nos limites deste estudo, não foram encontradas evidências de que a editora está em funcionamento na atualidade.

a divulga[ção] do trabalho intelectual de escritoras brasileiras de escassa ou nenhuma presença nos cânones literários, valorizando, assim, atividades, produção e pensamento da mulher na construção da história do Brasil. Também visa a preencher enorme lacuna na produção editorial no que se refere à publicação de autoras brasileiras, continuamente esquecidas pela divulgação e estudos literários (Autor desconhecido, s.d)

Assim, justifica-se, em certa medida, tanto a reedição de *Alma Infantil*, em seu centenário, quanto a omissão do nome de Júlio César da Silva na capa. Defende-se, neste sentido, que esta edição foi produzida de acordo com as demandas da época, dada sua natureza, que é se não a formação de novos leitores. Como visto anteriormente, as adequações de obras destinadas às crianças não são recentes. As iniciativas de alguns autores de adequar as traduções do português europeu para uma linguagem mais acessível e compatível ia ao encontro dos propósitos educativos de uma época.

Ao defender a leitura dos clássicos na infância, Machado (2009) indica que o gosto pelos livros precisa estar associado às práticas de leitura, tanto na escola, quanto em outros espaços. Considerando essas práticas em contextos mais recentes, é necessário que se faça uma adaptação de determinados conteúdos por duas razões principais – a primeira, por conta da necessidade do manuseio do livro pelas crianças, o que seria inviável se operássemos apenas com originais, especialmente aqueles datados da primeira metade do século passado ou ainda do século XIX; a segunda, por conta de seus conteúdos muito possivelmente não mais serem elementos constituintes dos contextos em que se reapresentam.

O surgimento do PNBE – Programa Nacional Biblioteca na Escola, com o objetivo de promover o acesso à leitura e cultura tanto por alunos quanto por professores, alargou ainda mais essa discussão. O PNBE literário (obras em verso, prosa, imagens, HQs) de 2012, ano de publicação da 2ª edição de *Alma Infantil*, apresenta 100 indicações para o Ensino Fundamental 1- nível de escolaridade o qual corresponde ao ensino primário. Nesta seleção, sublinham-se, grosso modo, as temáticas: contos de fadas, folclore, animais, fantasia, aventura, comportamentos e relacionamentos, sob as quais é possível observar certa compatibilidade com os temas desenvolvidos em *Alma Infantil*.

É Coelho quem aponta que, desde a década de 1970, a literatura infantil opera com múltiplos recursos de visualidade: “desenhos, ilustrações, diagramação, composição, cores, técnicas de colagem e montagem, uso de novos materiais para a impressão do livro...” (Coelho, 2000, p. 155). Tais recursos representam o que a autora denomina “linha da narrativa por imagens”, que possibilita ao leitor, especialmente aquele em formação,

observar as histórias e com elas aprender a nomear seres e coisas, mesmo que ainda não possuam a escrita desenvolvida.

Nessa lógica, os paratextos editoriais operam para o entendimento da publicação da B4 kids não apenas como uma reedição, mas também como uma obra revista e ajustada ao novo mercado editorial infantil. É Gérard Genette (2009, p. 9) quem vai definir esses elementos como "aquilo por meio de que um texto se torna livro e propõe como tal aos seus leitores, e de maneira mais geral ao público". Dentre os elementos paratextuais, sublinham-se títulos, subtítulos, intertítulos, prefácios, preâmbulos, apresentações, epígrafes, notas marginais, notas de rodapé, notas de fim, dedicatórias, coberturas, ilustrações etc. (Carvalho, 2021).

Na 2ª edição de *Alma Infantil*, as ilustrações são assinadas por Vanessa Alexandre, ilustradora e autora de livros infantojuvenis. Na orelha da quarta capa do livro, encontram-se informações a respeito da ilustradora: “fez ilustrações para a Fundação Abrinq, Editora Positivo, Editora SM, Escala Educacional, Editora Rideel, Editora Moderna, entre outros.” Ao consultar o portfólio de Vanessa Alexandre no domínio da internet<sup>17</sup>, é possível encontrar algumas das imagens usadas em *Alma Infantil*.

Para o ilustrador e escritor Marcelo Ribeiro (2008), as ilustrações são também representativas de seu tempo, uma vez que requerem técnicas e materiais disponíveis de uma determinada época. Não custa lembrar que as ilustrações para o público infantil tiveram na revista *Tico-Tico*, que circulou por mais de 5 décadas, sua porta de entrada. Arroyo (2011, p. 212) indica que a revista era tida “pioneiramente como publicação tecnicamente concebida” e, nessa lógica, não se pode comparar as técnicas utilizadas no começo do século passado com o que se tem hoje como aspectos gráficos do livro infantil.

A interpretação, reprodução e circulação em diferentes edições estão, portanto, inseridas em um contexto próprio, o que afeta a forma como leitores são por elas influenciados e formados e, também, a maneira como seu caráter e ampliação de conhecimento de mundo são, assim, transformados. Tal característica torna indispensável “a compreensão das edições de livros como produtos de determinadas épocas, com peculiaridades próprias a estas” (Neres; Lacerda, 2017, p. 5).

O ilustrador, capista, design e professor Rui de Oliveira (2008) defende a ideia de uma alfabetização visual, isto é, a percepção do conjunto imagético das obras como

---

<sup>17</sup> O portfólio encontra-se disponível em: <https://www.vanessaalexandre.com.br/>. Acesso em: 05 ago. 2024.

maneira de compreender o mundo, antes mesmo da alfabetização verbal. Contudo, entende que a ilustração, como componente de um livro, não deve ficar estritamente presa ao texto a que se refere, já que “são linguagens diferentes dentro de um livro.” (Parreiras, 2009, p.89)

Embora os 48 poemas estejam presentes na edição de 2012, alguns aspectos merecem destaque. O primeiro deles reside no fato de 5 poemas apresentarem alterações em seus títulos, com a supressão de artigos, troca de preposições e até mesmo mudança de nomes de personagens – a exemplo de “A boneca de Paulina”, originalmente “A boneca de Paulinha”. Ainda, apenas 10 poemas apresentam algum tipo de ilustração – “O ninho do beija-flor”; “Voz dos animais”; “O patinho”; “Infância e velhice”; “Mimi”; “O galo; Cinco anos”; “No circo de cavalinhos”; “Passarinho imprudente” e ‘A boneca de louça’. A figura 4, a seguir, mostra a ilustração no poema “Infância e velhice”, representado por duas mulheres – mãe e filha:

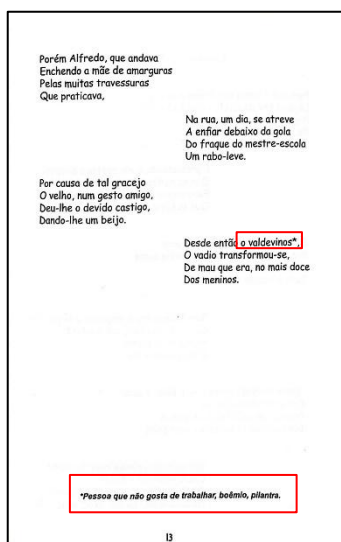
Figura 4 – Página 37 de Alma Infantil (2012)



Fonte: Acervo do autor.

Nesta edição, outro elemento observado é a presença de notas explicativas em referência às palavras ou termos que caíram em desuso, a fim de, entende-se, esclarecer o leitor, como feito com a palavra “valdevinos” em “O garoto e o mestre-escola”, conforme representado em destaque na figura 5 seguir:

Figura 5 – Página 13 de Alma Infantil (2012)



Fonte: Acervo do autor.

Ademais, convém destacar outros elementos paratextuais, tais como a quarta capa – que ilustra a escultura<sup>18</sup> de Victor Brecheret, em homenagem à Francisca Júlia, denominada “Musa Impassível”; acima, há a inscrição de parte de seu poema homônimo, publicado pela primeira vez no fim do século XIX. Um outro aspecto refere-se à ausência de um prefácio, elemento que na edição de 1912 operou como uma espécie de manual para apresentar a obra às escolas. Entende-se que este texto foi substituído pelas inscrições nas orelhas do livro, as quais indicam:

Publicada há exatos 100 anos, *Alma Infantil* é uma obra que testemunha o início da produção literária voltada para os mais jovens, numa época em que, no Brasil, a literatura infantojuvenil começava a dar os primeiros passos. (...) Seus temas indicam interesses que dominavam aquele período. (Silva. [Orelha de livro], 2012)

Outrossim, o posicionamento do texto na página opera de forma mais harmoniosa, atribuindo um maior valor ao espaço em branco, prática que, apesar de ausente na 1ª edição, já era observada com efeito na década de 1920 (Haluch, 2016). Outra hipótese para tal disposição, é uma possível utilização da técnica introduzida pela educadora e poetisa Cecília Meireles, ainda na primeira metade do século XX, a qual refere-se a um jogo lúdico de palavras, tanto em termos de diagramação quanto em termos fonéticos (Coelho, 2000).

<sup>18</sup> A obra é parte do acervo fixo da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

No que diz respeito ao conteúdo da edição de 2012, importa destacar a ausência dos hinos, tanto no texto propriamente quanto nas orelhas do livro, que contém texto descritivo da obra. Nos anos de 2010, não se observava um ideário de educação cívica no Brasil, tampouco se observava, grosso modo, concepções mais conservadoras de escola, currículo e leitura. Com efeito, Nelly Novaes Coelho comenta:

Fazia parte do nosso sistema educativo (de fins do século XIX até os anos 30/40) a memorização de poemas que deviam ser ditos pelos alunos nas aulas de leitura ou em datas festivas. (...) Entende-se, hoje, que o dizer poesia é algo muito subjetivo e pessoal que não deve ser imposto à criança...pois só será gratificante se resultar de um gesto espontâneo, feito com entusiasmo ou alegria (Coelho, 2000, p. 224).

Um bom exemplo desta diferenciação é a abordagem de temas recorrentes na literatura para crianças. Se por um lado os livros mais recentes apresentam elementos que endossam o argumento da subjetividade, como em *Poesia na varanda* (2010)<sup>19</sup>, de Sônia Junqueira, em *Alma Infantil*, a subjetividade é substituída pela inculcação de valores morais, como podemos verificar no poema “Bichano”, em comparação ao trecho da obra de Sônia Junqueira:

Quadro 3 – Comparativo entre *Alma Infantil* (2012) e *Poesia na varanda* (2021)

Poema “Bichano”	Página 8 de <i>Poesia na varanda</i>
Bichano, o lindo gatinho Sobre a almofada sentado, Vive a limpar com cuidado O gracioso focinho.  (...)  Menina ou rapaz, aquele Que a todo asseio se nega, É um desprezível colega: Os outros tem nojo dele.  Tão lavado tem o pelo, Tão limpo traz o focinho! É do asseio deste gatinho O mais perfeito modelo.	Passou por mim a poesia na forma de uma gatinha amarela, tão macia! uma bola peludinha que chegou bem de mansinho ... Batizei-a de Chiquinha, fiquei com ela pra mim.

Fonte: Elaborado pela autora.

Apesar da existência do gatinho como um elemento de afetuosidade, é notável a presença do tom moralizante na obra de Francisca Júlia e Júlio César da Silva, aspecto

<sup>19</sup> Opera-se com a edição de 2021, realizada pela editora Badabum.

este que se faz presente em todos os 48 poemas. Contudo, a omissão dos hinos na 2ª edição evidencia uma tentativa de suavizar essa tendência marcadamente moralizante do começo do século passado, muito por conta de um mercado editorial que prezava pela presença de aspectos mais lúdicos que pudessem desenvolver o chamado “gosto” pela leitura.

Assim, defende-se o argumento de que a edição ilustrada de *Alma Infantil*, publicada em 2012, sofreu alterações tanto de elementos gráficos, quanto de conteúdos que foram suprimidos em prol de novas intencionalidades. Desta forma, exibem-se como uma espécie de paráfrase do original, sem perder, contudo, sua autenticidade.

### **Considerações finais**

A análise acerca das edições de *Alma Infantil*, 1912 e 2012, respectivamente, mostrou-se potente. O aspecto da temporalidade, que pode ser determinante para a recusa à pesquisa historiográfica do volume, foi, contudo, grande motivador deste estudo.

Buscou-se, ao longo deste texto, estabelecer um estudo comparativo entre as duas edições, considerando aspectos que se referem tanto à forma quanto ao conteúdo. A análise dos elementos paratextuais, sob a qual pôde-se iluminar o trabalho da ilustração como determinante para a categorização do texto como literatura infantil da contemporaneidade, aliada à menção aos autores e suas trajetórias intelectuais foram seminais para a construção deste trabalho.

Através das proposições de Chartier (2002), é possível entender, nessa lógica, que *Alma Infantil* é senão uma representação de um determinado tempo-espço; se antes desenhou-se como um livro de leitura suplementar, que seria designado aos pequenos leitores, futuros cidadãos republicanos, na edição de 2012 é apresentado como um livro que inclui mensagens que “trata[m] do amor, a gratidão, o respeito e a inocência.” (1ª orelha), para serem lidas pelos pequenos leitores não como uma de suas tarefas escolares, mas sim pelo prazer da leitura.

Por fim, espera-se que este trabalho possa contribuir com outras pesquisas que tenham os livros infantis, a literatura escrita por mulheres e as reedições de obras infantis como objeto de estudo.

### **Referências**

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. **Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <https://wwwp.fc.unesp.br/~lizanata/LDB%204024-61.pdf>. Acesso em: 05 ago.2024.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUITONI, Duicília Helena Shoroeder. **Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Summus, 2009.

CAMARGOS, Marcia. **Musa impassível: a poetisa Francisca Julia no cinzel de Victor Brecheret**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

CARVALHO, Michele Ribeiro de. **Erico Veríssimo e a Biblioteca de Nanquinote: um projeto para a “petizada” brasileira (1936-1949)**. 2021. 262 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Tradução de de Maria Manuela Galhardo - 2ª ed. Lisboa: Difusão Editora, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA, Aline Santos. **A Conformação da literatura infantil como disciplina no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932 - 1938)**. 2018. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. 226 f.

DUQUE-ESTRADA, Osório. **Registro literário**. Correio da Manhã. Ano XII, ed. 5054, 02/12/1912.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; De LUCA, Tânia Regina. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2015.

GENETTE, Gérard. (2009). **Paratextos editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

HALUCH, Aline. **A maçã: o design gráfico, as mudanças de comportamento, e a representação feminina no início do século XX**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio de Janeiro, 2016.

JUNQUEIRA, Sônia. [Ilustração Flávio Fargas]. **Poesia na varanda**. 1ª edição. Belo Horizonte: Badabum, 2021.

LAJOLO, Marisa. **Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha**. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís. **Monteiro Lobato, livro a livro**. São Paulo: UNESP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. São Paulo: Ática, 1984.

LOBATO, Monteiro. **Em pleno sonho**. Correio da Manhã. Ano XX, ed. 7814, 23/7/1920.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009

NERES, Gregory Oliveira.; LACERDA, Maíra Gonçalves. **Adaptações de clássicos: a importância da relação entre texto e imagem para a formação de leitores**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

OLIVEIRA, Rui de. **Pelos Jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

ORÍÁ, Ricardo. **O Brasil contado às crianças: Viriato Corrêa e a literatura escolar brasileira (1934 – 1961)**. São Paulo: Annablume, 2011.

PACHECO, Gabrielle Carla Mondêgo. **Os deveres do pequeno cidadão em Alma Infantil: versos para uso das escolas (1912)**. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação do Estado do Rio de Janeiro, 2015, 143 f.

PARREIRAS, Ninfa. **Confusão de línguas na literatura: o que o adulto escreve, a criança lê**. Belo Horizonte: RHF, 2009.

RIBEIRO, Marcelo. A relação entre o texto e a imagem. In: OLIVEIRA, Ieda de (Org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador**. São Paulo: DCL, 2008. p. 123-139.

SILVA, Francisca Júlia da; SILVA, Julio César da. **Alma Infantil**. São Paulo: Livraria Magalhães, 1912.

SILVA, Francisca Júlia da; [ilustrações Vanessa Alexandre]. **Alma Infantil**. São Paulo: B4, 2012.

SILVA, Márcia Cabral da. **Infância e Literatura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

SOUZA, Mariana Elena Pinheiro dos Santos de. **Divertir, educar e instruir: Vida Infantil (1947-1950)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019, 131f.

SOUZA, Mariana Elena dos Santos de; ROSA, Victor Soares. Modos de falar em Vida Juvenil: articulação entre imprensa, currículo e Ensino secundário (1949). **Linha Mestra**. v. 18, n. 52, 2024.

Recebido em: 05/08/2024

Aprovado para publicação em: 19/12/2024